

Álvares Marcon

Nascido em Tambaú (SP) em 1942, Álvares Marcon chegou em São Paulo, aos 16 anos, e empregou-se como promotor de vendas de seguro de vida. “Eu vendia morte e acidentes”, diz ele, brincando com os motivos que o levaram a situação atual.

Aos 41 anos, percebeu que alguma disfunção na perna não o permitia andar mais que 500 metros sem sentir dor. Após uma radiografia, seu médico vascular descobriu uma obstrução da artéria da coxa e optou por colocar uma ponte de safena no local, para não mexer no ponto obstruído. Entretanto, devido à rápida coagulação sanguínea, a operação foi repetida e falhou por sete vezes, quando, por fim, foi rompida a ponte de safena, causando uma hemorragia – motivo de uma infecção hospitalar.

Acordou depois de três dias internado na UTI (Unidade de Tratamento Intensivo), em coma. “Após uma semana no hospital, meus dedos começaram a ficar negros e doíam muito. Era um membro do corpo morrendo. Eu disse: faça o que tenham de fazer – eu só não quero mais esta dor.”

Vinte e seis dias depois, Marcon vivia uma outra realidade. Após anos de curativos e fisioterapia, colocou sua primeira prótese para transfemorais (coto de amputações acima do joelho), aos 44 anos. “Era uma prótese muito ruim, mas a minha vontade de andar era maior e fiquei com ela. Tinha uma trava que abria o joelho para permitir sentar. Era dura e eu a arrastava”, conta. Ele não tinha muito, mas vivia em busca de melhorar a qualidade de vida. Nesta época, voltou para o trabalho de vendedor de porta-em-porta e superou toda a equipe em número de vendas. Aposentou-se em 1995, quase 10 anos depois.

Foi em 1999 que teve início a relação entre Marcon e a Otto Bock. Sua sobrinha, que estava trabalhando em uma feira sobre tecnologias vindas da Alemanha, ao ver as facilidades e novas possibilidades que seu tio teria ao usar um equipamento mais avançado, contou a vida de Marcon para a equipe do estande da Otto Bock. Neste mesmo ano, ele ganhou uma nova prótese. “Eu não sabia se chorava, agradecia ou dava risada porque as próteses da Otto Bock eram de primeiro mundo. Não era um joelho, era um avião”. Ele passou a ser modelo da Otto Bock e viajar com os profissionais técnicos para fazer demonstrações em centros de Reabilitação, faculdades e hospitais no Brasil.

Além disso, atualmente Marcon ajuda sua mulher em aulas artesanais voltadas para crianças (produzindo, por meio de canudos de jornal, cachepôs), auxiliando no desenvolvimento da coordenação motora. Hoje, ambos fornecem material para cinco floriculturas regionais. E ele afirma que, agora sim, pode dizer que tem qualidade de vida.

“Hoje, eu sou mais ativo do que antes, quando eu tinha duas pernas. Não há obstáculos. Amputação não é uma doença. Sou uma pessoa com vida normal. Tenho toda a assistência da Otto Bock. Rezo todos os dias e agradeço a Deus por toda esta assistência.”